

# O ÁRQUETIPO ÁGUA: ELEMENTO DE EXCELÊNCIA NA OBRA DE DORA FERREIRA DA SILVA

CÁSSIA CRISTINA GONÇALVES SIMPLÍCIO<sup>1</sup> (UFU/PPGEL)

cassiasmith17@hotmail.com

**Resumo:** A proposta dessa comunicação é demonstrar como a poeta Dora Ferreira da Silva desenvolve o arquétipo da água por meio de recursos imagéticos, simbólicos e míticos e qual o sentido dessa retomada arquetípica em sua obra. O aporte teórico - fundamentado na crítica do imaginário - vem das teorias de Mircea Eliade, nas obras *Mito e Realidade* e *O sagrado e o profano*; de Gilbert Durand, na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*. Para a compreensão específica do tema eleito, são fundamentais os teóricos Gaston Bachelard e sua obra *A água e os sonhos*, e Ana Maria Lisboa de Mello, com sua obra *Poesia e imaginário*, além de dicionários de símbolos e imagens. Com uma relação baseada em arquétipos - a base de todo o pensamento humano, as idéias universais e imutáveis; seria uma espécie de verdade socialmente aceita que contribui para a manutenção das instituições sociais, delineando padrões de comportamento que permanecem através dos tempos e funcionam como referenciais para a nossa caminhada existencial. Utilizaremos o poema “A POSSÊIDON”, presente na obra *Hídrias*, para demonstrar como a poeta representa a imagem da água enquanto estratégia discursiva reveladora da condição humana e do fazer poético, proporcionando reflexões filosóficas e literárias.

**Palavras-chave:** Arquétipo; Água; Possêidon; Dora Ferreira da Silva; Poesia.

## Mito e Literatura

De origem grega, a palavra *Mythos*, significa palavra, mensagem, linguagem, sendo assim, constituída pelo conjunto de mitos de um povo, a mitologia é utilizada desde tempos imensuráveis, com o objetivo de explicar o mundo e o homem.

Para Mircea Eliade, grande historiador de mitos e das religiões, o mito é um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que tende a se compor em relato:

O mito conta uma história sagrada; que relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do principio (...) Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem. (ELIADE, 1972, p. 11-13)

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e Linguística. Orientada pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Enivalda Freitas Nunes e Souza. E-mail: cassiasmith17@hotmail.com.

Os mitos foram criados pelos gregos como forma de expressarem e explicarem o que não compreendiam, e, como forma de expressar todos os fatos vividos e presenciados por eles.

Na obra *Fundamentos da psicologia analítica* (1985), Carl Jung, famoso psiquiatra suíço, também contribuiu para o aprofundamento da mitologia moderna, através da teoria do inconsciente coletivo. Observando as imagens e símbolos de diversas culturas, o autor notou que havia no pensamento humano uma espécie de arquivo da história da humanidade; os chamados arquétipos, “que, em forma de significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore.” (JUNG, 1985, p.33-34)

Dessa maneira, o que há de comum tanto nos mitos como nos arquétipos é a expressividade das imagens que se manifestam em ambos.

### **Dora Ferreira da Silva e o Arquétipo Água**

A aproximação entre mito e poesia pode ser verificada na obra da escritora paulista Dora Ferreira da Silva. Nascida em Conchas, no dia 1 de julho de 1918, falecendo em 6 de abril de 2006, a poeta recebeu três vezes o Prêmio Jabuti e reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, através da conquista do prêmio Machado de Assis pelo livro *Poesia Reunida* (1999). Dora Ferreira da Silva também ficou reconhecida pelo seu trabalho de tradução de autores como Milosz, Sain-John Perse, San Juan de la Cruz, D. H. Lawrence, Hölderlin e Angelus Silesius, tendo traduzido, inclusive, nomes de conceituados como Carl Gustav Jung, T. S. Eliot e Rainer M. Rilke. Criou, juntamente com seu marido, o filósofo Vicente Ferreira da Silva, as revistas *Diálogo* e *Cavalo Azul*.

De descendência grega, a poeta Dora Ferreira da Silva (DFS<sup>2</sup>) intensifica sua relação com a temática mítica em sua última obra lançada em vida: *Hídrias*, (Do grego: Hundria, pelo latim Hidria, vaso de cerâmica usado na antiguidade para guardar água), que será o ponto de partida para realização da nossa pesquisa. Com 25 poemas exaltando a beleza dos principais mitos gregos, *Hídrias* é instrumento manifestador da relação entre a condição humana e a atemporalidade mitológica. Nesta obra, Dora

---

<sup>2</sup> Para que a leitura desse artigo seja facilitada, todas as vezes que, a partir desse momento, se fizer referência à Dora Ferreira da Silva, o nome da autora será identificado pelas iniciais de seu nome, DFS.

transpõe os mitos antigos para o cotidiano, dessa forma, a poeta sensibiliza seus leitores, fazendo-os refletir acerca do sentido da existência humana. Acerca da poesia mítica voltada para a condição humana de Dora Ferreira da Silva, a pesquisadora Enivalda Nunes Freitas e Souza (2011, p. 123) comenta:

A poeta Dora Ferreira da Silva (...) encontrou nas formas simbólicas e arquetípicas a expressão exata para transferir à poesia os extratos mais profundos da psique humana, alçando a uma dimensão transcendente e religiosa a vida e a morte, sensações cotidianas, pressentimentos, afetos, mistérios, pequenas delicadezas – coisas, enfim, que resumem o encanto e o mistério de existir.

Para o desenvolvimento deste tema, serão utilizadas como base as obras de Gaston Bachelard; utilizaremos no andamento da pesquisa outra importante obra: *Poesia e imaginário*, de Ana Maria Lisboa de Mello, além do auxílio dos dicionários de símbolos e imagens.

Buscaremos fundamentação nos consagrados teóricos do imaginário: Gilbert Durand, na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, Mircea Eliade, com suas obras *Mito e Realidade* e *O sagrado e o profano*.

Segundo estudiosos, o mito é a expressão de um arquétipo a base de todo o pensamento humano, as idéias universais e imutáveis - é o que podemos verificar na fala de Jung, ao assinalar que certas personagens mitológicas, determinadas configurações simbólicas, alguns emblemas, longe de serem o produto evermerista de uma circunstância histórica precisa, são espécies de universais imaginados - os arquétipos e as imagens arquetípicas – passíveis de dar conta da universalidade de certos comportamentos humanos, normais e patológicos (MELLO, 2002-pag. 16). Por essas características, diz-se que o mito tem relação com a poesia. Na cultura ocidental, os mitos estão ligados aos conceitos arquetípicos, é o caso, por exemplo, da deusa Afrodite (água: sexo – vida, regeneração), cujo nascimento provém da água. Manifestando-se também através de imagens, eles tornaram-se modelos, padrões de conduta para grande parte dos comportamentos humanos, atribuindo a eles significação e valor. Assim, como teoriza Ana Maria Lisboa de Mello, estudiosa do imaginário,

A poesia tem profunda afinidade com o mito. Os poetas, não só os modernos, fazem renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica. (...) No canto, o pensamento mítico expressa-se através de imagens que transmitem associações de idéias que “ cooperam com o efeito emocional e imaginativo”, elevando-o “a um nível mais misterioso que o de sua razão imediata” (MELLO, 2002, p. 43-45)

Considerando que a imagem da água possui diversas simbologias, de acordo com a cultura que a elabora e apresenta, conhecer essa simbologia torna-se

imprescindível para compreensão e interpretação das obras da poeta, além de ser essencial para o estudo da imagem perceber o seu feixe de significações afinal, como ressalta Mircea Eliade em sua obra *Imagens e Símbolos* (1979, p. 15), “Traduzir uma imagem numa terminologia concreta, reduzindo-a a um só dos seus planos de referência, é pior do que mutilá-la: é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento”. Por isso, propõe-se agora uma apresentação do que foi pesquisado a esse respeito, apontando algumas considerações mais recorrentes a pesquisa desenvolvida.

Em Gaston Bachelard, *A Água e os sonhos* (2002, p. 17/18), pode-se perceber que o autor desenvolve uma teoria atraente sobre a imaginação poética. A maioria dos exemplos utilizados sobre a água são extraídos da poesia porque, segundo ele, toda psicologia da imaginação somente pode ser esclarecida pelos poemas que ela inspira. “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade”. (BACHELARD, 2002, p, 17-18).

Bachelard analisa a psicologia da “imaginação material” da água ligada ao elemento feminino. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1990), as significações simbólicas da água podem ser reduzidas a três temas dominantes: como fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Enquanto Durand afirma que a água, além de bebida, foi o primeiro espelho dormente e sombrio. Assim a água tem propriedade de espelho.

Bachelard e Durand, estudiosos do imaginário, menciona o fato de haver muitas outras formas de água, as más, boas, amorosas e aquela que nos dá a vida e até mesmo as que nos matam. Desta forma, o objetivo dessa pesquisa é proporcionar ao leitor das obras de Dora Ferreira da Silva, por meio da pesquisa científica, varias visões sobre o significado da água. Sobre a polissemia da água, menciona Bachelard:

Este consistirá em provar que as vozes da água não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam pássaros e os homens a cantar, falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (2002, p. 17)

A poesia a ser analisada será *A Possêidon*, poema presente na obra *Hídrias*. Esta obra, um dos mais belos conjuntos de poemas da autora, foi lançada no ano de 2004, o último livro de Dora Ferreira da Silva publicado em vida. É um livro completamente inspirado pela Grécia, com vinte e cinco poemas que, apesar

de se relacionarem, assumem uma autonomia surpreendente. É o que se verifica a seguir:

#### A Possêidon

Dádivas colhi do Mar e a Possêidon, meu canto.

Se a terra adormece e estéril é seu repouso,  
avanças, poderoso! O fundamento das coisas estremece,  
rochedos fendem-se, crisca-se o arvoredado. Mais que os ventos,  
impões o fluxo e a mudança. Lampejos da aurora se acendem  
no poente. Move meu canto, move a Terra num bramido,  
Touro do Mar, e um novo reino instaura, dissolvendo  
nas águas a impureza dos feitos. Acenda-se o olhar humano  
em chama renovada e ás almas de luz os corpos se reúnam!

(SILVA, 2004, p. 48).

O poema é uma mostra de como a essência do mito é revelada na poesia de DFS. Nele, a poeta discorre acerca do mito de Possêidon e da sua complexidade enquanto representação das águas marítimas, representando a singularidade da condição humana e da poesia.

Segundo Bachelard (2002) a importância da água na poesia é explicada pelo fato de este elemento ser o princípio que fundamenta as imagens:

A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. Noutras palavras, os poetas distraídos vivem como uma água anual, como uma água que vai da primavera ao inverno e que reflete, passivamente, levemente, todas as estações do ano. (Bachelard, 2002, p. 12).

Embora os temas da mitologia grega sejam recorrentes, sua obra não consiste somente nessa temática, mas a presença do mundo clássico pode ser percebida nos seus livros. O que a poeta faz é recontar os mitos, demonstrando através deles como determinados acontecimentos míticos refletem a condição humana. Com isso, Dora demonstra a importância mitológica, que simboliza a existência humana em qualquer época ou lugar, ao tempo em que representa a singularidade da condição humana e nos leva a refletir acerca da vida e do sentido da nossa existência.

O poema acima relata “a importância da relação dos mitos com a literatura, ao tempo em que representa a singularidade da condição humana” (FREITAS, 2011, p. 18). Nele, a poeta discorre sobre o mito de Possêidon (Deus supremo do mar) e da sua complexidade.

Na mitologia grega, Possêidon era o deus nos mares, conhecido pelos romanos como Netuno, possivelmente tendo origem etrusca *Nethuns*, fora também conhecido como o deus dos terremotos. Representado como um homem forte, com barbas e segurando sempre um tridente. Era filho do Titã Cronos e Rea (irmãos de Zeus – deus dos deuses e de Hades – deus dos mortos e dos subterrâneos). Possêidon teve várias amantes e com elas vários filhos como, por exemplo, o gigante Órion e o ciclope Polifemo. Possêidon aparece em vários mitos da Grécia Antiga. Num deles, disputou com a deusa Atena o controle da cidade-estado de Atenas, porém saiu derrotado. Num outro mito ajudou os gregos na Guerra de Tróia. Fez isto para se vingar do rei de Tróia que não havia lhe pagado pela construção do muro na cidade. (POUZADOUX, 2001. p. 9).

Em *Odisséia*, obra de Homero que relata o regresso de Ulisses a cidade de Ítaca após a Guerra de Tróia, o deus Possêidon aparece no canto V para vingar seu filho Polifemo, o qual ficou cego após ser ferido com um pedaço de madeira por Odisseu. Possêidon provoca uma tremenda tempestade para impedir que Ulisses encontre o caminho de volta. A deusa Leucotéia<sup>3</sup> dá a Ulisses um talismã para se salvar. Graças ao talismã e à proteção de Atena, ele alcança a praia de Esquéria<sup>4</sup>.

Como praticamente toda a obra de DFS, o poema “À Possêidon” é formado por versos livres, sem fixidez ou regularidade, mas com uma sonoridade encantatória, que traz consigo, inclusive, uma repetição do substantivo “move”, dando ao poema uma rica suavidade (...) “Move meu canto, move a terra num bramido/ Touro do Mar, e um novo reino instaura, dissolvendo/nas águas a impureza dos feitos”, sinônimo de movimentar, em sua acepção relativa dar à vida ao poema, animar-se momentaneamente, como podemos observar nos últimos versos do poema.

Em “À Possêidon” é um poema narrado no presente e com estrutura voltada para um caráter narrativo. O mito é recontado à maneira de DFS, mas a essência da popular história do deus supremo do mar não se perde em momento algum; antes, é reforçada a partir do lirismo envolvente que caracteriza a obra da autora.

Aficionada pela temática grega, Dora dá início ao poema fazendo referência ao deus do mar “Dádivas colhi do Mar e a Possêidon, meu canto”, vemos como a própria escrita poética vem como oferenda, à alma ilumina a integração da matéria e o espírito, uma vez que a água é inspiradora, a poeta colhe do mar sua poesia.

---

<sup>3</sup> Leucotéia: deusa marinha com o poder de salvar os homens de naufrágios; era muito invocada pelos marinheiros.

<sup>4</sup> Ilha dos Feácios; afirma-se que corresponde à ilha de Corfu, no mar Jônio.

As águas maternas ou femininas são metaforizadas na figura de Possêidon e do próprio fazer poético, a poesia do mar é maternal, a imagem da água refletindo o corpo e a alma oferece ao homem o mais profundo sentimento de plenitude.

A esterilidade de repouso, isto é, a Terra está sempre à mercê da força do mar faz-se presente no segundo verso no poema “Se a terra adormece e estéril é seu repouso” e outra vez a água, um dos quatro elementos, é evocada. As forças da natureza atuam em reciprocidade com o ser humano, pois fazemos parte de um todo. A natureza é uma dádiva divina e os quatro elementos foram nos dado para criarmos uma vida de plenitude.

Por outro lado, nos primeiros versos, o elemento água, representado pelo mar (Possêidon) mostra sua força enquanto elemento da natureza que invade, provoca catástrofes e provoca o dilúvio que, na mitologia em sentido restrito, foi uma terrível inundação que teria coberto todo o mundo, ou ao menos terras ancestrais de determinados povos. A mitologia grega relata que Possêidon, por ordem de Zeus, havia decidido pôr fim à existência humana, uma vez que estes haviam aceitado o fogo roubado por Prometeu<sup>5</sup> do monte de Olimpo. O filho de Prometeu, Deucalião, e sua esposa Pirra foram os únicos sobreviventes, cabendo a eles construírem uma Arca e que nela introduzisse um casal de cada animal, de forma análoga à Arca de Nôe. Percebemos essa força de Possêidon nos seguintes versos:

No poema de Dora, o mito de Possêidon é explorado de maneira bastante expressiva, embora a autora mantenha a tônica do mito: o deus devastador que utiliza a água como forma iluminadora já que a água limpa as impurezas, e, por outro lado, demonstra seu poder devastador, visto que, a força da água é capaz de derrubar árvores e fendendo pedras.

Possêidon é a metaforização do ser humano em declínio pela capacidade de destruir as coisas e o Outro. Personificação do Touro do Mar que emergiu na água, a pedido de Mínos, cuja sucessão ao trono estava sendo contestada, pediu à Possêidon que intercedesse ao seu favor, fazendo surgir das águas um touro que deveria ser sacrificado em seu nome. Admirado com sua beleza, Mímos misturou o touro branco a outros animais não sacrificando-o. Assim, Possêidon castigou Mímos tornando o animal furioso. Com isso manteve relações com sua esposa nascendo assim o filho Minotauro. Comprovando assim o poder de destruição, catástrofes e vingança que Possêidon possui e que emerge na sociedade. (POUZADOUX, 2001. p. 11)

---

<sup>5</sup> Filho de Jápeto e de Ásia, irmão de Atlas, Epimeteu e Menoécio, e se tornou o progenitor de Deucalião. Ele concedeu ao ser humano o poder de pensar e raciocinar, bem como lhes transmitiu os mais variados ofícios e aptidões.

Nos versos “Touro do Mar, e um novo reino instaura, dissolvendo/ nas águas a impureza dos feitos. Acenda-se o olhar humano”, podemos verificar a força energética da poesia de DFS. Além de demonstrar a personificação do Touro do Mar, o reino de Mimos, a imagem do verso seguinte fortalece a água como sendo aquela que lava, limpa o que não está perfeito. Para Bachelard (2002, p. 49) “(...) toda água primitivamente clara (...) é uma água que deve escurecer, (...). Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer”. Assim, contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer.

Por fim, temos a presença de mais um elemento da natureza, o fogo, elemento é material da transmutação radical, dialetizando-se na confluência de duas valorações opostas entre bem e mal: o Fogo é casto e lúbrico; arde no inferno, brilha no céu. (BACHELARD, 1972, p.21/22). No poema, o fogo e a água misturam-se, a partir do verbo acenda e do substantivo chama, Dora demonstra que sua poesia, assim como o amor, que está diretamente ligada à purificação, é tão maravilhosa, iluminadora e com energia renovadora.

Para Bachelard (2002, p. 97), a água é favorável à combinação dos elementos materiais, pois ela assimila muitas substâncias e impregna-se de cores, cheiros e sabores. Daí a água ser a substância química dos poetas, pois possibilita inúmeras associações.

Explorando os símbolos, mitos e imagens arquetípicas em sua poesia, Dora fala do homem contemporâneo e de suas recorrentes inquietações. Com isso, sua obra se torna um retrato da condição humana. É assim, com essa lírica imagética e simbólica, que a poeta – mestre no manuseio de elementos clássicos – constrói uma poesia eterna, tradutora da plenitude e perpetuadora dos elementos míticos.

## **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo* (tradução de Maria Isabel Braga). Lisboa: Editorial Estudios Cor, 1972.

\_\_\_\_\_. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: história de deuses e heróis*. 4. ed. Tradução de Luciano Alves Meira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 467p.

CHEVALIER, Jeane GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número)*. Trad: Verada Costa e Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 200.



FREITAS, Jamille Rabelo de. O mito de Narciso na poesia de Dora Ferreira da Silva. Disponível em: [http://sinalel\\_letras.catalao.ufg.br/uploads/520/original\\_31.pdf](http://sinalel_letras.catalao.ufg.br/uploads/520/original_31.pdf). Acesso em: 15/12/2013.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Poesia e imaginário. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

POUZADOUX, Claude. Contos e lendas da mitologia grega. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p. 9

SILVA, Dora Ferreira da. Hídrias. São Paulo: Odysseus, 2004. 62p

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. A poesia do illud tempus: introdução a arquétipos de Dora Ferreira da Silva. In: YOKOSAWA, Solange Fiuza Cardoso; PIRES, Antônio Donizeti. (Org.). O legado moderno e a (dis)solução contemporânea (Estudos de poesia). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 177-199.

VIOLA, Frank A. Cristianismo pagão: As origens das práticas de nossa Igreja Moderna. Copyright, 2005.